

---

## **A cobertura jornalística do desaparecimento dos meninos de Belford Roxo: violência, vulnerabilidade e a construção de visibilidade midiática<sup>1</sup>**

Marisvaldo Silva LIMA<sup>2</sup>

Lynara Ojeda de SOUZA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

### **RESUMO**

Esse artigo investiga a cobertura jornalística realizada pela agência especializada em notícias de temática afro *Alma Preta Jornalismo* sobre o desaparecimento dos meninos de Belford Roxo, em 27 de dezembro de 2020 e, posteriormente, considerados mortos. Neste escrito, propomos uma reflexão crítica sobre a violência infantil, focalizando violações contra crianças e adolescentes negras e negros (UNICEF, 2010; 2021), reconhecendo as peculiaridades da opressão que sofrem as infâncias negras, pobres e periféricas. Propomos também uma reflexão do jornalismo como um agente privilegiado na esfera de visibilidade midiática que garante a discussão de temas de interesse público (MAFRA, 2006; GOMES, 2008; MATEUS, 2017; MAIA, 2009, 2018). Assim, este estudo se caracteriza como uma análise qualitativa sobre como um veículo de comunicação especializado em questões raciais noticiou o acontecimento em questão, utilizando como aporte metodológico, Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2013). Entre os resultados, apontamos que a cobertura jornalística aborda questões raciais e sociais, construindo visibilidade e estimulando reflexões críticas sobre racismo estrutural e desigualdades. Isso ressalta o papel importante do jornalismo na discussão e combate ao racismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Direitos humanos; infância; jornalismo; negritude; visibilidade midiática.

### **INTRODUÇÃO**

No domingo, 27 de dezembro de 2020, por volta de 10h30min, três crianças da mesma família residente do bairro Castelar, em Belford Roxo, no Rio de Janeiro, saíram para brincar em um campo de futebol na vizinhança e nunca mais retornaram para casa. Os meninos de Belford Roxo, como ficaram conhecidos, são Alexandre da Silva (10),

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJor/UFSC), bolsista CAPES/Fapesc, e-mail: [mlijornalista@gmail.com](mailto:mlijornalista@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJor/UFSC), bolsista CAPES, e-mail: [lynaraojeda@gmail.com](mailto:lynaraojeda@gmail.com)

---

Fernando Henrique (11) e Lucas Matheus (8), vistos pela última vez andando na Rua Malopia, em direção ao bairro Areia Branca, em uma gravação de vídeo.

Após meses de investigação, protestos da família e apresentação de suspeitos, a polícia concluiu que os três foram assassinados por, supostamente, furtarem um pássaro de um integrante do tráfico de drogas daquela região. Entretanto, até hoje os seus corpos não foram encontrados. Este artigo tem como objetivo discutir a naturalização da rua como lugar de trânsito livre de crianças negras e socialmente vulneráveis, invisíveis aos olhos do Estado e da própria mídia. Discorre também a respeito do jornalismo como um agente conessor da visibilidade e da discutibilidade dos temas públicos e relevantes em uma sociedade democrática.

Nesse sentido, propomos uma reflexão a partir da articulação entre os temas jornalismo, infância e racismo para compreender como tais noções são apreendidas em nossa sociedade. Na sequência, por meio da Análise Crítica da Narrativa, investigamos as oito matérias sobre o caso que foram publicadas pela agência *Alma Preta Jornalismo* no período de janeiro a dezembro de 2021, ano subsequente ao acontecimento. A partir daí, acreditamos que o trabalho possa nos dar pistas sobre o papel que a atividade jornalística tem exercido na cobertura de assuntos relacionados aos direitos humanos, além de sugerir como esse tema está sendo interpretado e incorporado pela sociedade.

## **VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL**

Dados do Panorama da Violência Letal e Sexual contra Crianças e Adolescentes no Brasil, produzido pelo UNICEF (2021), informam que, entre 2016 e 2020, 35 mil crianças e adolescentes de até 18 anos foram mortos de forma violenta no território brasileiro. O relatório observa que, ao lançarmos o olhar para tais mortes dentro do contexto urbano, em todas as idades, as principais vítimas de mortes violentas são os meninos negros, perfil que se intensifica na adolescência. Nesse sentido, é possível constatar, a partir do relatório, que a faixa etária dos 10 aos 14 anos marca a transição da violência doméstica para a prevalência da violência urbana. Nessa idade, começam a predominar mortes fora de casa, por arma de fogo e com autor desconhecido.

Os dados denunciam o descompasso que existe entre a legislação brasileira e o que acontece no cotidiano das crianças no país. No âmbito normativo, há um

---

entendimento acerca da infância e adolescência como fase da vida que requer proteção integral, noção que ganhou visibilidade mais acentuada a partir da Convenção sobre os Direitos da Criança, realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1989. Nesse sentido, Veronese (2013, p. 171) declara que a Convenção, em seu preâmbulo, "lembra os princípios básicos, tais como liberdade, justiça e paz, os quais reconhecem que toda criatura humana é possuidora de dignidade e de direitos humanos iguais e inalienáveis". Pautado nessa perspectiva, no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) preconiza, em seu artigo 4º, que "é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, saúde, alimentação, educação, esporte, lazer, profissionalização, cultura, dignidade, respeito, liberdade e convivência familiar e comunitária" (BRASIL, 1990, grifo dos autores). A lei reforça o entendimento de que garantir os direitos humanos básicos à população infantojuvenil como algo prioritário é um dever de todos os setores da sociedade, incluindo, assim, o jornalismo como uma atividade comprometida com o bem social.

### **MÍDIA, RACISMO E INFÂNCIA: QUANDO O JORNALISMO DESUMANIZA**

No Brasil, crianças e adolescentes negros e indígenas enfrentam uma série de desigualdades e adversidades que têm um impacto significativo em suas vidas. Dados publicados pelo Unicef (2010) em um relatório sobre o impacto do racismo na infância revelaram que esses grupos representam 54,5% de toda a população infantojuvenil do país na época, totalizando cerca de 31 milhões. Desse total, aproximadamente 26 milhões vivem em famílias de baixa renda, sendo que 17 milhões são negros. Isso resultou em uma taxa de pobreza de 56% entre as crianças negras, em comparação com 32,9% entre as crianças brancas. Além disso, a taxa de mortalidade infantil entre as crianças indígenas ainda é um desafio de saúde pública, com um histórico de 41,9 mortes por cada mil nascidos vivos. No entanto, essa taxa vem apresentando uma tendência de queda desde 2000.

Além da pobreza marcante, o pouco acesso à educação também é um fator crítico na vida das crianças racializadas no Brasil. O mesmo relatório indica que crianças indígenas entre 7 e 14 anos têm quase três vezes mais probabilidade de estarem

---

fora da escola em comparação com crianças brancas na mesma faixa etária. Da mesma forma, crianças negras nessa faixa etária têm 30% mais chances de não frequentar a escola em comparação com crianças brancas.

No que diz respeito à segurança e ao bem-estar, o relatório aponta que o risco de homicídio é 2,6 vezes maior para adolescentes negros em comparação com os brancos, especialmente em cidades de médio e grande porte. Além disso, o suicídio é uma causa significativa de morte entre a população indígena, representando 5,8% de todos os óbitos entre crianças, adolescentes e jovens indígenas, três vezes mais do que entre a população branca. E a exploração sexual também afeta predominantemente adolescentes entre 15 e 17 anos, principalmente negros e indígenas. Esses desafios refletem o enraizamento profundo das desigualdades étnicas e sociais que persistem na sociedade brasileira, mas que muitas vezes são vistas com naturalidade pela sociedade e pelo jornalismo.

A naturalização da violência contra crianças racializadas, pobres e vulneráveis é um fenômeno preocupação que permeia o campo do jornalismo, que desempenha um papel na construção das identidades sociais. Essa naturalização se manifesta quando a violência direcionada a esse grupo é tratada como algo comum, esperado ou até justificável, perpetuando estereótipos enraizados. Isso é influenciado pelas reminiscências de nosso passado escravista, pelo imaginário coletivo racista que enxerga a criança negra como um Outro sub-humano.

O estudo de Rollo (2018) explora as raízes históricas e ideológicas por trás da subordinação e racialização de grupos, destacando como esses processos moldaram a percepção da humanidade ao longo do tempo. Para ele, o tratamento das crianças como seres sub-humanos foi historicamente construído em torno de uma crença inquestionável de sua inferioridade. Logo, a criança não era semelhante ao homem, mas um ser desumanizado. Como explica o autor, o entrecruzamento entre infância e raça foi utilizado como justificativa da escravidão e exploração de pessoas negras, consideradas "raças infantis" e, portanto, intrinsecamente inferiores. Mesmo homens negros adultos e fisicamente maduros eram vistos, por conta de sua raça, como objeto de tutela; fisicamente desenvolvidos, mas emocionalmente imaturos, estariam suscetíveis a praticar crimes, o que levou à justificação do uso da violência, inclusive a policial contra homens, mulheres e também crianças negras.

---

Ele explica que:

Como membro de uma raça infantil, uma pessoa negra está sujeita aos abusos e à fetichização que tornam seus corpos e sua agência fungíveis. Às vezes, objeto de ódio e medo, em outros momentos, os povos negros são fetichizados como crianças risonhas e brincalhonas que servem como um lembrete cativante para a sociedade branca de um tempo mais simples, pré-moderno (ROLLO, 2018, p. 10).

Assim, essa mentalidade colonial perdura e influencia a maneira como a infância negra é vista e tratada, resultado de uma cultura misopédica<sup>4</sup> que associa a criança negra à criminalidade, servidão e violência. Ou seja, nesse contexto, perpetua-se uma cultura de degradação e inferiorização das crianças, especialmente aquelas que pertencem a grupos racialmente marginalizados.

No campo do jornalismo, a naturalização da violência muitas vezes é influenciada pela interseção de raça, classe social e vulnerabilidade. Crianças pertencentes a esses grupos frequentemente são noticiadas de maneira sensacionalista, estigmatizante ou são negligenciadas pela cobertura jornalística. A forma como esses casos são apresentados pode reforçar a ideia de que a violência é algo inerente à vida dessas crianças, um elemento inevitável ou mesmo sugerindo que as vítimas têm alguma responsabilidade por sua própria situação.

Moraes (2020) diz que há um racismo epistêmico que opera e fundamenta grande parte da imprensa brasileira que muitas vezes contribui para a manutenção de estruturas desiguais ao não abordar especificidades de classe raça de maneira adequada, contribuindo para a marginalização de determinados grupos como nordestinos, indígenas, negros. O racismo como tecnologia estrutural e estruturante do pensamento atual permanece sendo capaz de criar mecanismos de vulnerabilidade dos grupos racializados (ALMEIDA 2018). Mais que isso, opera em alguns veículos de comunicação uma lógica de perpetuação do racismo como forma de biopoder. Nas palavras de Mbembe (2018, p. 18), “uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, este velho direito soberano de matar”.

---

<sup>4</sup> O termo "misopédica" é derivado da palavra grega "misos," que significa "ódio," e "paidós," que significa "criança." Assim, "misopédica" se refere a sentimentos de hostilidade, desprezo ou aversão em relação a crianças.

---

Dessa forma, destacamos a importância das narrativas jornalísticas na sociedade como lugar da argumentação pública, da construção de regimes de visibilidade, mas cujas práticas ainda são bastantes marcadas pelo racismo estrutural que leva à perpetuação de estereótipos, preconceitos e da naturalização da violência praticada contra pessoas negras.

## **O JORNALISMO COMO AGENTE DA VISIBILIDADE**

Neste estudo, a partir das contribuições de Gomes (2008), consideramos a visibilidade, enquanto uma poderosa ferramenta operada pelo jornalismo na esfera de visibilidade midiática, que desempenha um papel fundamental na garantia da discutibilidade de temas públicos, bem como na acessibilidade a um amplo espectro de audiência. Para o autor, visibilidade e discutibilidade são indissociáveis, pois para que haja discussão de um tema de interesse comum, é preciso que ele esteja visível. Assim, destacamos que é através de sua capacidade de difundir informações, que o jornalismo possibilita a abertura de debates e reflexões, contribuindo para a formação de uma esfera de debates. Como destaca Maia (2009, 2018), a imprensa é essencial para a formação de uma agenda de debates. Ela é fundamentalmente o lugar da argumentação pública e exerce um papel imprescindível na reivindicação da responsabilidade política, jurídica e profissional.

A visibilidade midiática é um dos conceitos-chave nos estudos sobre jornalismo e desempenha um papel crucial na atribuição de existência aos atores sociais e na ampliação da relevância de temas abordados. A busca pelo reconhecimento das existências e demandas dos grupos se concretiza por meio da busca ativa pela visibilidade. Mafra (2006, p. 46) resumiu de forma contundente: "Conferir visibilidade a um tema é, primordialmente, atribuir-lhe existência".

Entretanto, como explica Mateus (2017), abordar a questão da visibilidade pressupõe considerar também a sua relação com a publicidade. Essa conexão intrincada entre visibilidade e publicidade é de fundamental importância, uma vez que desvenda os mecanismos pelos quais as visibilidades individuais e coletivas se manifestam e se integram na sociedade contemporânea. A relação entre visibilidade e publicidade vai além do simples ato de algo ser visto ou observado. Ela se baseia na influência

---

significativa que a publicidade exerce sobre como percebemos e interpretamos as coisas que se tornam visíveis. Enquanto a visibilidade se refere à exposição visual de algo, a publicidade acrescenta uma camada de significado e contexto que molda nossa compreensão e resposta a essas visibilidades.

Para Mateus (2017) a mídia exerce um papel central na formação da visibilidade ao transformar em públicos eventos que sem ela continuariam ocultos. Essa transformação chamada pelo autor de “visibilidade mediada” se refere à capacidade da mídia (em o jornalismo em particular) de criar e modular narrativas de compartilhamento coletivo. Neste ponto, o autor alerta sobre os perigos da super-visibilidade (exacerbação da visibilidade) que resultaria em banalização de informações e eventos importantes.

Explicando a relação entre mídia e visibilidade, Mateus destaca que:

A visibilidade é, portanto, um campo de produção de sujeitos; e a mídia é a mestra de cerimônias na criação de uma consciência pública baseada na máxima atenção e total consciência. Em outras palavras, a mídia influencia o reconhecimento social ao criar, sustentar e desenvolver relacionamentos de visibilidade (MATEUS, 2017, p. 121).

Portanto, o jornalismo assume um papel fundamental na construção da visibilidade. Mais do que um simples veículo de informações, ele se posiciona como um agente ativo na promoção e definição do que é visível ou não ao selecionar, destacar e moldar as narrativas em torno de eventos, temas e indivíduos. O jornalismo não apenas apresenta informações, mas molda ativamente a visibilidade social, contribuindo para a construção de realidades compartilhadas e influenciando o diálogo público sobre assuntos importantes. Ele exerce uma influência profunda na maneira como o público percebe e compreende o mundo ao seu redor.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Neste artigo, propomos a realização de uma Análise Crítica da Narrativa sobre a cobertura jornalística realizada pela agência *Alma Preta Jornalismo*. O aporte metodológico escolhido é justificado por ser uma ferramenta de enfoque hermenêutico que permite a identificação de padrões, tendências discursivas, relações de poder,

---

silenciamentos e na construção narrativo-jornalística (MOTTA, 2013). Motta, argumenta que as narrativas não apenas descrevem eventos, mas também organizam e estabilizam a realidade, contribuem para a compreensão da sociedade. Em sua definição, o autor afirma:

Entendo, portanto, como análise crítica da narrativa o estudo metódico, orgânico, rigoroso do processo de comunicação narrativa, que nasce da dúvida sobre o preestabelecido e persegue o conhecimento sistemático a respeito das relações históricas que configuram as estórias reais ou ficcionais. (MOTTA, 2013, p. 23).

Ao adotar esse instrumento interpretativo, acreditamos alcançar as condições de observar nos textos jornalísticos os aspectos sociais e culturais reproduzidos pelos seus autores, podendo identificar elementos que indicam a apropriação e o tratamento dos jornalistas no que se refere à temática estudada, uma vez que a análise da narrativa investiga a construção de significados observando os valores culturais presentes no texto. Para Motta (2013, p. 79), esse procedimento procura “entender como os sujeitos sociais constroem intersubjetivamente seus significados pela apreensão, representação e expressão narrativa da realidade. A produção cultural de sentidos é, portanto, um fator prévio que implica e engloba a narratologia”.

Nesse sentido, ao investigarmos como o sentido é produzido através das expressões narrativas, almejamos “entender como os sujeitos constroem significados em uma situação de correlação, de diálogo ou de força, de troca argumentativa das interpretações possíveis, e muitas vezes até divergentes da realidade social” (MOTTA, 2013, p. 82). Para tanto, o autor propõe um modelo de análise da narrativa em sete movimentos: 1) compreender a intriga, 2) entender a lógica narrativa, 3) permitir que novos episódios surjam, 4) revelar o conflito dramático, 5) analisar as personagens, 6) identificar estratégias argumentativas e 7) explorar as metanarrativas. Aplicado ao jornalismo, o método busca compreender a construção de sentidos entre narrador e público.

A escolha deste veículo se justifica por sua especialização na cobertura de pautas raciais de forma qualificada. O *corpus* de análise é formado pelas oito matérias encontradas por meio de busca textual no site do veículo estudado, conforme apresentado no Quadro 1.



Quadro 1 - Matérias jornalísticas que tratam do caso dos meninos de Belford Roxo

	Matéria	Data	Link
1	Polícia ainda não tem pistas de crianças negras desaparecidas há nove dias em Belford Roxo	05 jan. 2021	<a href="https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/policia-ainda-nao-tem-pistas-de-criancas-negras-desaparecidas-ha-nove-dias-em-belford-roxo">https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/policia-ainda-nao-tem-pistas-de-criancas-negras-desaparecidas-ha-nove-dias-em-belford-roxo</a>
2	Familiares seguem buscando pistas sobre paradeiro de três crianças desaparecidas em Belford Roxo	27 jan. 2021	<a href="https://www.almapreta.com.br/sessao/cotidiano/familiares-seguem-buscando-pistas-sobre-paradeiro-de-tres-criancas-desaparecidas-em-belford-roxo">https://www.almapreta.com.br/sessao/cotidiano/familiares-seguem-buscando-pistas-sobre-paradeiro-de-tres-criancas-desaparecidas-em-belford-roxo</a>
3	Ministério Público encontra nova pista de crianças desaparecidas em Belford Roxo	11 mar. 2021	<a href="https://www.almapreta.com.br/sessao/cotidiano/mp-pista-desaparecidos-belford-roxo">https://www.almapreta.com.br/sessao/cotidiano/mp-pista-desaparecidos-belford-roxo</a>
4	Desaparecimento de crianças em Belford Roxo completa 90 dias sem solução	27 mar. 2021	<a href="https://www.almapreta.com.br/sessao/cotidiano/desaparecimento-criancas-belford-roxo-90-dias">https://www.almapreta.com.br/sessao/cotidiano/desaparecimento-criancas-belford-roxo-90-dias</a>
5	Polícia tratou de forma desigual assassinato de Henry e sumiço de crianças em Belford Roxo	13 abr. 2021	<a href="https://www.almapreta.com.br/sessao/quilombo/policia-tratou-de-forma-desigual-assassinato-de-henry-e-sumico-de-criancas-em-belford-roxo">https://www.almapreta.com.br/sessao/quilombo/policia-tratou-de-forma-desigual-assassinato-de-henry-e-sumico-de-criancas-em-belford-roxo</a>
6	Belford Roxo: ossada encontrada não pertence às crianças desaparecidas	02 ago. 2021	<a href="https://www.almapreta.com.br/sessao/cotidiano/belford-roxo-ossada-encontrada-nao-pertence-as-criancas-desaparecidas">https://www.almapreta.com.br/sessao/cotidiano/belford-roxo-ossada-encontrada-nao-pertence-as-criancas-desaparecidas</a>
7	‘Minha família está caindo no esquecimento’, diz parente de menino desaparecido em Belford Roxo	01 out. 2021	<a href="https://www.almapreta.com.br/sessao/cotidiano/minha-familia-esta-caindo-no-esquecimento-diz-parente-de-menino-desaparecido-em-belford-roxo">https://www.almapreta.com.br/sessao/cotidiano/minha-familia-esta-caindo-no-esquecimento-diz-parente-de-menino-desaparecido-em-belford-roxo</a>
8	Meninos de Belford Roxo morreram após tortura, diz inquérito	09 dez. 2021	<a href="https://www.almapreta.com.br/sessao/cotidiano/meninos-de-belford-roxo-fora-m-torturados-e-mortos-diz-inquerito">https://www.almapreta.com.br/sessao/cotidiano/meninos-de-belford-roxo-fora-m-torturados-e-mortos-diz-inquerito</a>

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

### Análise Crítica da Narrativa

Na primeira matéria, publicada em 05 de janeiro de 2021, a informação é de que as autoridades policiais ainda não tinham pistas sobre os três meninos negros desaparecidos nove dias antes. Como 1º movimento metodológico, verificamos que a intriga narrativa está presente na busca pelos três meninos negros desaparecidos e a incerteza sobre seu paradeiro; o acontecimento noticioso estrutura-se (2º movimento) em uma narrativa de mistério em torno do caso, em que percebemos a impossibilidade

---

de conclusão do acontecimento, mantendo, assim, um suspense sobre o que pode ter acontecido com os personagens envolvidos que permite a continuação episódica do caso (3º movimento). O conflito dramático gerado é a incerteza em torno do paradeiro das crianças e o esforço contínuo para encontrá-las e a ausência de pistas reforça a tensão na narrativa (4º movimento). Na construção dos indivíduos que exercem função na narrativa jornalística, 5º movimento metodológico, identificamos como personagens principais as crianças desaparecidas, Lucas, Alexandre e Fernando. Já na categoria que observa as estratégias argumentativas (6º movimento), verificamos que ela incorpora a perspectiva de ativistas para destacar a desigualdade racial e a falta de atenção dada historicamente aos desaparecimentos na Baixada Fluminense. Tal elemento enfatiza a luta por direitos e visibilidade. No 7º movimento, que analisa as metanarrativas presentes no texto, observamos que a narrativa jornalística investigada aborda metanarrativas relacionadas à desigualdade racial e ao desaparecimento de crianças negras. A comparação com a atenção que as três crianças receberiam caso fossem brancas e a discussão sobre as milícias são metanarrativas subjacentes.

A segunda matéria, publicada no dia 27 de janeiro de 2021, tem como intriga central a continuidade nas buscas pelo paradeiro dos três meninos. O texto segue a estrutura narrativa de mistério, com foco no desaparecimento não explicado das crianças, a ausência de pistas e a busca desesperada dos familiares. O texto descreve tentativas de busca pelas crianças, incluindo pistas falsas, investigações da polícia, análise de câmeras de segurança, busca em uma área de mata e protestos dos familiares e vizinhos. O conflito central é a angústia e incerteza sobre o que aconteceu com as crianças, que seguem sendo personagens centrais da trama narrativa, que estrategicamente enfatiza a frustração de familiares e a falta de progresso na investigação. A metanarrativa que se estabelece é a da violência na região e a mobilização comunitária.

Em 11 de março de 2021, foi publicada a terceira matéria que traz como elemento central a descoberta, pelo Ministério Público, de uma filmagem em que os três meninos aparecem, fornecendo uma nova pista em sua busca. Segue-se a estrutura narrativa de um mistério em desenvolvimento, já que foi introduzido um novo elemento na busca pelos três meninos. Essa nova informação, ressalta-se no texto, pode oferecer novas possibilidades para solucionar o mistério e intensifica-se, assim, o

---

conflito dramático original que era a falta de pistas sobre os três personagens centrais da narrativa. Como estratégias, observa-se a inclusão desse novo elemento como fonte de pistas vitais para a resolução do caso. A metanarrativa focaliza o descaso do governo do Estado do Rio de Janeiro com Baixada Fluminense, além de desigualdades sociais e raciais que afetam a resolução do caso.

Em 27 de março de 2021, foi noticiada a quarta matéria. A intriga remete ao mistério em torno do caso e a narrativa segue a estrutura de uma progressão temporal em que se ressaltam as buscas por pistas. O texto retoma a descoberta das imagens de câmeras de segurança e sustenta a incerteza do paradeiro e a falta de progresso na investigação como conflito central. A narrativa enfatiza o tempo decorrido de 90 dias sem solução e destaca a importância das imagens de câmeras de segurança como principal pista. A metanarrativa aponta para a desigualdade e injustiça ao destacar que a falta de resposta rápida da política pode estar relacionada ao racismo e preconceito com a localidade onde viviam, o que ressalta o tratamento diferenciado por cor da pele e origem.

A quinta matéria foi publicada em 13 de abril de 2021 e como um segmento do texto anterior, tem como intriga a disparidade no tratamento entre o caso do desaparecimento dos meninos de Belford Roxo e o assassinato de Henry Borel Medeiros, destacando a diferença de empenho da polícia e da mídia jornalística. A lógica narrativa apresentada é a de uma análise comparativa entre os dois casos apontando a diferença no tratamento. Além disso, insere como indicação de novos episódios ou desdobramentos futuros o anúncio da criação de uma força-tarefa para investigar o caso. O conflito central é a desigualdade no tratamento dos casos com base na raça e na classe social dos personagens centrais - Lucas, Alexandre, Fernando e Henry Borel, cujas histórias são usadas para ilustrar as estratégias argumentativas. A metanarrativa observada é a desigualdade racial e social, apontando para descaso da polícia e da própria sociedade em relação a crianças negras e pobres.

A sexta matéria foi publicada em 02 de agosto de 2021, trazendo como intriga a descoberta de uma ossada supostamente relacionada ao caso. A estrutura narrativa segue a cronologia dos acontecimentos relacionados ao desaparecimento das crianças e à investigação subsequente. O texto introduz vários elementos novos à medida que os acontecimentos se desenrolam, como a denúncia, a busca pela ossada, a análise da

---

perícia, as declarações da defensora pública e as diferentes hipóteses levantadas. O conflito central é a busca pela resolução do que aconteceu com as três crianças desaparecidas. Neste ponto, outros personagens ganham destaque: investigadores de polícia, as famílias das crianças e possíveis testemunhas. O texto tem como estratégia argumentativa focalizar as diferentes etapas de uma investigação policial e como metanarrativa destaca a complexidade das investigações criminais.

No conteúdo jornalístico publicado em 1º de outubro de 2021 identificamos já no título “‘Minha família está caindo no esquecimento’, diz parente de menino desaparecido em Belford Roxo” que a intriga narrativa está ancorada em uma abordagem que se concentra no desaparecimento forçado de crianças e na falta de respostas. No desencadear lógico, a narrativa segue uma estrutura expositiva e argumentativa, apresentando os eventos sequencialmente e destacando as conexões entre os casos de Belford Roxo e Acari, nesse sentido, identificamos que o conflito central do texto também reforça a tentativa de relacionar os dois acontecimentos. Como elementos novos, são apresentados depoimentos de familiares, ativistas e informações sobre as ações do Comitê da Organização das Nações Unidas (ONU), apresentando, assim, como personagens centrais os familiares das crianças desaparecidas, os ativistas envolvidos nas lutas por justiça e as Mães de Acari. A partir dos relatos de tais fontes, o narrador apresenta informações e opiniões de diferentes atores envolvidos, incluindo depoimentos e dados estatísticos. Como pano de fundo, verificamos que narrativa destaca a questão do desaparecimento forçado de crianças no Brasil, enfatizando a discriminação racial e social implícita nesses fatos.

A última matéria que coletamos, publicada em 09 de dezembro de 2021, apresenta um texto que relata o resultado e desfecho das investigações sobre o assassinato dos três meninos de Belford Roxo, apresentando os detalhes sobre a tortura que as crianças sofreram antes de serem mortas. A narrativa é desencadeada seguindo uma estrutura expositiva de modo a apresentar as informações cronologicamente. Para tanto, ela tem início revelando a conclusão da investigação sobre o assassinato das crianças e avança para os detalhes sobre a tortura, as prisões e os indiciamentos dos suspeitos. O texto introduz novos elementos ao longo da narrativa, como a sessão de tortura das crianças, a operação da polícia civil, os mandados de prisão cumpridos e os detalhes sobre os suspeitos e indiciamentos. Uma tentativa de oferecer as informações

---

necessárias para que o público possa compreender todo o acontecimento e, finalmente, buscar compreender um possível desfecho do caso. Porém, identificamos que o conflito narrativo centra-se no assassinato brutal dos meninos de Belford Roxo e a subsequente investigação para descobrir os responsáveis, o que impossibilita o esforço em encerrar o tal episódio. Nesse texto, os personagens centrais são as crianças vítimas, os suspeitos envolvidos no assassinato e os membros da polícia civil, atores que aparecem enredados em uma narrativa que descreve suas ações, motivações e envolvimento no caso. No que se refere às estratégias argumentativas, o narrador apresenta fatos detalhados sobre o caso, destacando as declarações do titular da delegacia e as informações obtidas a partir de análises de telefone e depoimentos, nesse sentido, o texto utiliza citações e dados específicos para fortalecer as alegações. Constatamos ser um texto que destaca o cenário de violência associado ao tráfico local e à facção do Comando Vermelho, que incitava outros crimes, além de explorar as dificuldades da investigação e como o crime afetou a comunidade.

## **CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS**

O presente trabalho parte do entendimento de que a imprensa é capaz de lançar luz a acontecimentos muitas vezes invisibilizados socialmente, como é o caso de violações dos direitos humanos. Nossa reflexão foi realizada a partir das noções de racismo, infância e jornalismo, articulando tais elementos teóricos à cobertura jornalística realizada pela Agência Alma Preta Jornalismo sobre o desaparecimento e morte dos meninos de Belford Roxo. Para tanto, mobilizamos como método a Análise Crítica da Narrativa, buscando compreender a estrutura e os elementos narrativos presentes nos textos jornalísticos publicados pelo veículo investigado, bem como identificar o modo como as histórias foram construídas, desenvolvidas e apresentadas aos leitores (MOTTA, 2013).

No contexto analisado, as narrativas jornalísticas produzidas pelo Alma Preta revelam casos e permitem a compreensão de acontecimentos de maneira coesa. Percebemos o esforço do veículo em apresentar nos textos a ordem cronológica dos eventos como forma de dar progressão à história estruturada majoritariamente em torno do mistério, introduzindo progressivamente novas pistas, elementos e personagens que

---

intensificaram o conflito dramático central. Esses movimentos estratégicos de moldar personagens, revelar ações institucionais e comunitárias, além de apresentar os impactos sociais do tema conferem credibilidade à narrativa jornalística.

Por ser um veículo especializado em notícias qualificadas sobre questões raciais, as metanarrativas produzidas no contexto da cobertura sobre o caso abordam questões profundas e históricas como o racismo estrutural e desigualdades sociais implícitas que impactam a resposta da polícia, da mídia hegemônica e da sociedade de forma geral ao caso de três meninos pretos, pobres e periféricos que desapareceram ao sair para brincar. A história, assim, é narrada de forma a estimular a reflexão crítica sobre questões de maior abrangência. Esse elemento nos permite olhar para as narrativas como formas de construção episódica e também de contextualização histórica. Sendo, assim, uma possibilidade de apreensão da realidade e de acontecimentos urgentes que estão presentes na sociedade.

Destacamos por último o papel fundamental do veículo na construção de visibilidade e discutibilidade ao tema demonstrando sistematicamente como a discriminação racial - e outras violências como desigualdades de classe e origem -, atravessam a recepção do caso. Assim, o veículo cumpre um papel social de extrema relevância, pois numa sociedade marcada pelo racismo, como é o caso do Brasil, a mídia jornalística não está imune a perpetuar posicionamentos racistas ao tratar de pessoas negras.

Desta forma, ao explorar esses aspectos em oito textos jornalísticos sobre o desaparecimento dos meninos de Belford Roxo, este trabalho contribui para uma compreensão mais aprofundada da maneira como as narrativas são elaboradas e como utilizam diferentes estratégias para transmitir informações e envolver os leitores.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: promulgado em 13 de julho de 1990. Brasília – DF, 1990. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em: 20 jun. 2023.

---

GOMES, W. **Comunicação e democracia: problemas & perspectivas**. São Paulo: Paulus, 2008.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MAFRA, R. **Entre o espetáculo, a festa e a argumentação: mídia, comunicação estratégica e mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MAIA, R. C. M. **Mídia e lutas por reconhecimento**. São Paulo: Paulus, 2018.

MAIA, R. C. M. Media Visibility and the Scope of Accountability. **Critical Studies in Media Communication**, 26(4), 2009, p. 372-392. DOI: 10.1080/15295030903176666.

MATEUS, S. Visibility as a key concept in Communication and Media Studies. **Estudos em Comunicação**, nº 25, vol. 2, 2017, p. 109-124. DOI: 10.20287/ec.n25.v2.a08.

MORAES, F. A subjetividade como uma proposta de descolonização do jornalismo brasileiro. In: MAIA, Marta; PASSOS, Mateus Yuri. **Narrativas Midiáticas Contemporâneas: epistemologias dissidentes**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2020.

MOTTA, L. G. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

ROLLO, T. The Color of Childhood: The Role of the Child/Human Binary in the Production of Anti-Black Racism. *Journal of Black Studies*, 49(4), 2018, p. 307–329. <https://doi.org/10.1177/0021934718760769>

UNICEF. **Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil**. Brasil: UNICEF, 2021.

UNICEF. **O impacto do racismo na infância**. Brasília: UNICEF, 2010. Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/media/1731/file/O\\_impacto\\_do\\_racismo\\_na\\_infancia.pdf](https://www.unicef.org/brazil/media/1731/file/O_impacto_do_racismo_na_infancia.pdf). Acesso em 14 Jul. 2023.

VERONESE, J. R. P. Direito da Criança e do Adolescente: qual o espaço da relacionalidade? In: VERONESE, J. R. P.; OLIVEIRA, O. M. B. A. de. (Org.). **Direito & Fraternidade**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.